



# TRIBUNA LIVRE

15  
NOVEMBRO  
1958

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62113 - AMARES

## RECRUTAMENTO DE EMIGRANTES

Por BME

O problema da emigração, embora actualmente não se encontre completamente abandonado entre nós, necessita de que sobre ele se debruce, com carinho, todos aqueles que lhe devam alguma coisa, quer por obrigação de officio e, neste caso, estão os respectivos departamentos de Estado, quer por patriotismo e, por conseguinte, todos nós estamos abrangidos.

Verifica-se, com pesar, que além do auxílio prestado ao emigrante para o livrar das garras de enganadores ou de agentes pouco escrupulosos e, também, certo auxílio material aos colonos, não se lhe dispensa outro qualquer contributo orientador, outro qualquer auxílio informador que o guie na defesa dos seus interesses e ponha em salvaguarda o interesse nacional. A emigração faz-se sem finalidade e quantas vezes em detrimento das necessidades do nosso ultramar, para países estrangeiros, por se não proporcionar ao emigrante aquela soma de informações que deveriam ser postas à sua disposição por uma bem ordenada organização que sondasse as necessidades de mão de obra, por

vezes aflitivas, nas nossas províncias ultramarinas. A corrente migratória é grande e foi-o desde sempre entre nós.

O espírito de aventura que não desapareceu dos portugueses e o excesso demográfico aliada ao baixo nível de vida, especialmente existente nos meios rurais sem indústrias e com uma lavoura depauperada, são, como se sabe, factores que arrastam, em caudal crescente, muitas levas de homens a experimentar a sorte aonde lhe garantam, ou somente indiquem, que há trabalho convenientemente remunerado. Não escolhe; serve-lhe o Brasil ou Africa, a França, a Venezuela ou o Canadá.

A emigração, que até certo ponto poderá parecer sinal de decadência de um povo, para nós tem sido motivo de glória e constitui apreciável fonte de riqueza, visto que, graças ao esforçado labor de tantos portugueses que honradamente lutam pela vida em terras estranhas, vemos crescer os «invisíveis» da nossa balança de pagamentos, à custa dos bons pais, dos bons maridos

(Continua na 2.ª página)

## Marechal Craveiro Lopes

Foi recebida, com júbilo, em toda a parte, a elevação de S. Ex.ª o Senhor General Craveiro Lopes, antigo Presidente da República, ao supremo cargo de Marechal da Força Aérea.

Esta decisão do Conselho de Ministros, por proposta dos Conselhos Superiores do Exército e da Aeronáutica, ajusta-se perfeitamente ao belo perfil moral e ao mérito do homenageado que, tendo já prestado relevantes serviços à Pátria, muito poderá ainda concorrer para o seu engrandecimento, especialmente como valioso elemento de união entre as nossas forças armadas.

E assim o desejou sua Ex.ª ao agradecer, em sua casa, a visita dos officias que lhe foram participar a elevação ao marechalato, dizendo:

«Só em consideração pelos altos méritos e a digníssima personalidade que se encontra, hoje, à frente do Ministério da Defesa Nacional, é que não discuti a honra que V. Ex.ªs me acabam de conferir. Que esta decisão contribua para a unidade do Exército são os meus desejos muito sinceros.

Gostaria de ficar na situação em que me encontrava, situação essa que alcancei com o melhor dos meus esforços, que sempre ponho ao serviço da Nação.»

## D. Avelina Amélia de Azevedo

Em sua casa de residência, sita no lugar do Monte, da freguesia de Dornelas, faleceu a senhora D. Avelina Amélia de Azevedo, mãe da Senhora D. Maria Amélia Azevedo e Silva esposa extremosa do senhor Dr. Avelino Manuel da Silva. A falecida era ainda avó do sr. José Carlos da Silva e esposa D. Maria Narcisa de Oliveira e Silva, conhecidos proprietários em Dornelas.

Por vontade expressa da extinta, a imprensa diária não noticiou o falecimento e o funeral fez-se com a maior modéstia possível.

Mesmo assim o cortejo fúnebre teve larga concórrência daqueles que quizeram tributar a última homenagem à virtuosa Senhora que morreu assistida religiosamente até ao último momento.

A família enlutada apresentamos as nossas sentidas condolências.

## Foi solenemente empossado, na passada terça-feira,

## O NOVO PRESIDENTE DA COMISSÃO MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA

### Rev. P.º Albino José Fernandes Alves

Tomou posse, na passada terça-feira, cerca das 17 horas, do cargo de Presidente da Comissão Municipal de Assistência de Amares, para o qual tinha sido ultimamente nomeado, o Rev. Padre Avelino José Fernandes Alves, ilustre Pároco da matriz desta Vila.

O acto efectuou-se no Governo Civil e a ele presidiu o Conselheiro sr. dr. António de Azevedo Abranches, chefe do Distrito, tendo a presença, entre outras, as seguintes individualidades: D. Nuno de Carvalho Daun e Lorena e Adão Arantes Russell, respectivamente, presidente e vice-presidente da Câmara Municipal de Amares; Dr. José Maria Ferreira de Araújo, vice-presidente do Município de Braga, por si e pelo seu Presidente ausente em Lisboa; P.º José António Dias, presidente da Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso; Dr. João da Mota Campos, vogal da União Distrital da União Nacional e Procurador à Câmara Corporativa; Dr. Eduardo Gonçalves, e Dr. Manuel Arantes Rodrigues, respectivamente presidente e vice-presidente da Comissão Concelhia da União Nacional; Dr. António José da Costa, nosso Director; Dr. António Gonçalves, presidente da Comissão Concelhia da U. N.

em Vila Verde; Dr. Almeno Vieira Leite, vice-presidente da U. N. em Vieira do Minho; Alberto Matos, Secretário da Presidência da Câmara de Braga; Paulo Barbosa de Macedo, presidente da Associação dos Bombeiros Voluntários de Amares; Dr. João Carneiro, José Maria Calheiros de Abreu, P.º Avelino dos Santos Antunes, Dr. Tomé Gonçalves, Manuel



P.º ALBINO JOSÉ FERNANDES ALVES, novo presidente da Comissão Municipal de Assistência de Amares

Marinho, chefe da Conservação de Estradas, José António Coutinho e esposa, etc., etc.

O Sr. Dr. Eugénio Bacelar Ferreira, secretário-geral do Governo Civil, leu o auto de posse de que foram testemunhas os Srs. Nuno Pombal e Dr. Eduardo Gonçalves.

O Sr. Dr. António Abranches usou, depois, da palavra para (Continua na 2.ª página)

## Desde terça-feira que a nossa Casa do Povo tem televisão

Desde a passada terça-feira que na nossa Casa do Povo, se encontra a funcionar um aparelho de televisão.

Desta maneira, passamos a ter mais uma magnífica diversão, podendo assim passar-se uns bons momentos, totalmente instrutivos.

Veio ainda beneficiar alguns habitantes, que até então passavam o tempo somente na taberna e agora podem levar toda a sua família a apreciar os belíssimos programas da R.T.P..

No êxito deste facto, tiveram acção predominante o Sr. Domingos Rodrigues e o Sr. António Bernardino Barbosa de Macedo, respectivamente, Presidentes da Direcção e da Assembleia Geral da Casa do Povo, que asseguraram o pagamento do aparelho.

## Começaram os trabalhos para o posto de abastecimento de peixe

De mais um grande melhoramento, será, dentro em pouco, dotada a nossa terra com as instalações do novo posto de abastecimento de peixe.

Os trabalhos do mesmo já se iniciaram esta semana e tudo leva a crer que brevemente entrará em funcionamento.

É uma obra de vulto, de que a nossa terra carece e com a existência da qual ficará completa uma lacuna que se fazia sentir,

## MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva  
(Continuação do número anterior)

Mais abaixo, a Casa dos antigos «Borges de Ansede» no lugar do mesmo nome; em duas pedras epigrafadas:

ANNO DO... NI 1742

Nas Inquirições de 1220.— *De Sancto Thome d'Ansedí* «... iam à entroviscada e convocação para a guerra...» *De heremita Sancti Michaelis de Portu* «... O Rei nada aí tinha, pertencia tudo a uma dona Estefânia».

## RENDUFE

No livro do «tombo», existente no cartório paroquial, encontra-se o *Auto de lemitação, confrontação, demarcação e tombação dos limites da freguesia de S. Pedro de Codeceda*, a que se procedeu aos 18 dias de março de 1779, é no conc. de Vila Verde e foi couto do antigo mosteiro; a *Lemitação e confrontação das freguesias da Capella e Barreiros com São Vicente do Bico, São Martinho de Carrazedo e São Tomé de Peruzelo*, as três primeiras juntamente com Lago, cuja demarcação se infere por exclusão, visto estar contida nos limites naturais do Homem e do Cávado até à sua confluência, constituíram o

(Continua na 4.ª página)

## Recrutamento de Emigrantes

(Continuação da 1.ª página)

e dos bons filhos que ao longe têm o pensamento na família e na Pátria.

Por isso mesmo, o emigrante merece que tudo se faça por ele, para que se não sinta enfeitado pela Pátria, como por mãe sem coração.

E como se compreende, que havendo grande falta de mão de obra, por exemplo, em Luanda, segundo se lê em uma crónica datada de Outubro deste ano, se não canalize para ali a emigração de colonos bastantes, com as necessárias garantias, enquanto saem para muitas partes do mundo, quantas vezes pouco seguros de garantias reais?

Será doloroso ver seguir tantos portugueses para o estrangeiro quando a Mãe Pátria necessita do seu valioso concurso!

Há na emigração qualquer coisa que não funciona bem, como se verá. Porque não encaminhar muita dessa gente que necessita de emigração, para a florescente Angola, com tantos recursos naturais, inclusivamente o petróleo?

A crónica a que nos referimos põe o problema da mão de obra como um caso angustiante, para remédio do qual se pensa já em ir buscar colonos ao Japão, à semelhança do que fez o Brasil, isto, para a conveniente exploração de uma indústria de pesca ao sul da Província.

Em Angola apoia-se a ideia e elogia-se a acção dos japoneses, deste modo: «Colonos ordeiros, trabalhadores, de hábitos sóbrios, respeitadores dos países que os acolhem, os núcleos japoneses instalados nos países das Américas têm constituído apreciáveis elementos de actividade, que em nada afectam a estrutura política dessas nações, bastante contribuindo, por outro lado, para o desenvolvimento das suas actividades e valorização das suas riquezas».

Será inconcebível que o País dos «Lobos do Mar» consinta no recurso à emigração japonesa, ou qualquer outra, para organização de uma indústria de pesca!

Não haverá possibilidade de recrutar pessoal na Metrópole?

Há, certamente, desde que a Junta de Emigração ou congénere trate do assunto convenientemente.

O que não há, é serviço devidamente montado para o efeito, aqui e no ultramar.

A mesma falta de mão de obra verifica-se ali na construção civil, nos cafezais e na vida doméstica, onde uma serviçal europeia pode ganhar entre 800\$00 e 1.000\$00 mensais, mas que, sendo boa, é barata em relação ao péssimo trabalho dos indígenas, como se vê do texto que vimos glossando.

E a verdade é que, estando nós atentos à repercussão das notícias acerca da recente viagem de S. Ex.ª o Senhor Ministro do Ultramar, o mes-

mo assunto foi sobejamento confirmado por S. Ex.ª o Senhor Governador Geral de Angola em discurso proferido, então, o que torna absolutamente insuspeitas as afirmações colhidas anteriormente.

Estes respingos vindos de Luanda com data tão recente e tão bem comprovados, merecem muita reflexão e constituem problema de fácil solução se for encarado com aquela soma de boa vontade e energia que bem merece se lhe dedique, porque, na verdade, não descurtinamos outro que tanto mereça verdadeiro carinho e atenção por parte do Estado e de todos os portugueses que se prezam, além de que, a emigração será uma substancial fonte de riqueza para a metrópole, enquanto que os braços abundem, o que certamente sempre virá a suceder entre nós e, tanto mais acentuadamente, quanto se apurar a técnica, que dispensa braços, e aumentar a capacidade de preparar técnicos, que fará sobejar a mão de obra especializada e não especializada.

EME

## Rev. Padre Albino José Fernandes Alves

(Continuação da 1.ª página)

nho e com caridade.

A terminar, o chefe do distrito afirmou a sua muita esperança, fundada, aliás nas provas dadas noutras funções pelo empossado, na acção do Rev. Padre Albino José Fernandes Alves, a quem desejou as maiores felicidades.

A assistência aplaudiu demoradamente as palavras do Sr. Dr. António Abranches.

### O AGRADECIMENTO DO NOVO PRESIDENTE DA COMISSÃO DE ASSISTÊNCIA

O novo presidente da Comissão Municipal de Assistência de Amares, a agradecer, pronunciou o seguinte discurso:

«Quis V. Ex.ª Sr. Governador, sem que houvesse qualquer merecimento da minha parte, indicar-me para presidir à Comissão Municipal de Assistência de Amares.

Na verdade, não descubro em mim dotes ou qualidades que me recomendam para o desempenho deste munus, o que mais fez avultar a deferência e atenção que teve para comigo.

É certo que em Amares não faltariam homens dotados dos predicados indispensáveis para o desempenho desta função e que investidos noutros cargos têm dado provas inequívocas de zelo, competência e capacidades de realização; mas V. Ex.ª preferindo-me quis distinguir e honrar na minha pessoa o clero daquele Arciprestado, mantendo uma tradição de há longos anos.

Agradeço muito reconhecido a confiança que em mim depositou, a que sempre corresponderei lealmente e com isenção, pois sei de antemão que não me faltará compreensão e ajuda indispensáveis e o concelho prudente e oportuno de quem tão nobremente preside aos destinos deste progressivo distrito de Braga.

Digne-se, Sr. Governador, aceitar as homenagens do meu profundo respeito e tenho muito prazer ao cumprimentar V. Ex.ª como representante do Governo da Nação poder testemunhar-lhe a minha simpatia e admiração pelo modo tão brilhante como vem actuando nos diversos sectores da vida do distrito.

Saúdo e cumprimento o Sr. presidente da Câmara de Amares que possibilitou a minha nomeação e que, naquele concelho, de recursos tão míngua-

dos a parcos, vem realizando obra de vulto já congraçando os munícipes que domina pela afeabilidade do seu trato fidalgo, já acolhendo com simpatia a iniciativa particular, facilitando o progresso numa terra que vinha sendo tolhida pelas peias da burocracia e cujas aspirações nem sempre têm encontrado clima propício ao seu desenvolvimento e progresso.

Formulo votos muito sinceros para que a sua acção em prol da grandeza do concelho de Amares se torne cada vez mais profícua tal como é o seu profundo desejo.

Saúdo a União Nacional do meu concelho felizmente composta por pessoas cuja amizade pessoal muito prezo e de cuja colaboração não posso prescindir para levar a bom termo a tarefa que sobre mim pesa.

E quanto ao programa de acção?

É costume numa tomada de posse, fazer uma alusão sucinta das actividades que se vão exercer.

O concelho de Amares, apesar de boa vontade e dos esforços dos seus filhos, tem caminhado lentamente, especialmente no campo assistencial.

Há cerca de um ano que o panorama então sombrio tende a evoluir e felizmente hoje pode-se afirmar que novos horizontes se rasgam e se os poderes centrais, como é justo esperar, patrocinarem as iniciativas em marcha, Amares verá com regozijo solucionados os problemas mais instantes.

A função da assistência é vasta, ele é na verdade uma manifestação e uma faceta de caridade cristã e como esta não tem barreiras eu diria também que a assistência quase não tem limites. A assistência é o evangelho realizado e assim como os pobres e os doentes eram os predilectos de Cristo sobre quem sempre derramou luz a jorros no bazar arrepiante das misérias físicas e morais, também eu quero com entusiasmo, carinho e abnegação debruçar-me sobre todos os problemas que aos mesmos dizem respeito e para estes procurar uma solução humana e cristã.

E, meus senhores, o programa está naturalmente traçado.

Quem à assistência quiser dar a faceta de uma caridade viva e operosa tem de realizar o evangelho e a doutrina social da Igreja. Este é o programa e o ideal que me animara enquanto desempenhar as funções de presidente da Comissão Municipal de Assistência.

As últimas palavras do rev.º padre Albino José Fernandes Alves foram abafadas por uma quente salva de palmas.

Findo o discurso, o chefe do distrito e toda a assistência cumprimentaram o empossado e assinaram o auto de posse.

## DEFESA CIVIL DO TERRITÓRIO

Devemos manter um sistema de Defesa Civil adequado. Pensa-se, por vezes, que a D. C. T. só tem verdadeira importância em caso de guerra. Porém, uma D. C. T. eficaz, além de reduzir os riscos de guerra, contribuiu para solucionar problemas de emergência que surgem no dia a dia, durante o tempo de paz.

Na era atómica em que vivemos, nenhum agressor se atravessará a desencadear uma guerra se não estiver absolutamente seguro de que o seu golpe será absolutamente mortal. Caso contrário correrá o risco de sofrer uma série de represálias que o poderão aniquilar.

Uma D. C. T. bem organizada não permitirá que o inimigo nos encontre desprevidos; consagrando-nos a construir uma D. C. T., eficiente, contribuiremos, sem dúvida, substancialmente, para a causa da paz, ao mesmo tempo que nos preparamos para a eventualidade de uma guerra.

### D. C. T.—A colaboração de cada um para a protecção de todos nós

Principais efeitos a temer: atómico e aéreo, por ordem de importância

—Efeitos de calor—produzem incêndios a 3 ou 4 quilómetros do ponto de explosão.

—Efeitos de pressão—provocam um sopro tão violento como o de um furacão seguido dum aspiração semelhante à de um redemoinho.

—Efeitos de radioactividade inicial provinda imediatamente

do rebentamento nos três primeiros segundos.

—O remanescente ou residual—resultante, principalmente, da queda de poeiras e películas radioactivas.

*Actualmente em tempo de guerra os soldados são todos os cidadãos do país, em uniforme ou em traje Civil; são elementos de Defesa e cada um há-de considerar-se mobilizado no seu serviço, cheio da mesma energia e da mesma fé, capaz da mesma devoção e do mesmo esforço, para assegurar a sobrevivência da Nação.*

**NÃO ESPERE PARA AMANHÃ!**

**INSCREVA-SE, IMEDIATAMENTE, NUM CURSO DA D. C. T.!**

Telefone dos Bombeiros Voluntários de Amares.

62113 e 62141

### CASA DE SAÚDE DE AMARES

DIRECTOR

#### DR. JOSÉ FERNANDES

INTERNAMENTO DE DOENTES — OPERAÇÕES — PARTOS — RAIOS X — ANÁLISES CLÍNICAS

SERVIÇO PERMANENTE

AMARES

TELEF. P. P. C. 62122

#### HORÁRIO DE CONSULTAS

DR. JOSÉ FERNANDES | DR. JOÃO FERNANDES  
DAS 9 ÀS 13 HORAS | DAS 14 ÀS 18 HORAS

Visado pela Censura

# TRIBUNA do CONCELHO

## CAMPANHA DO CIMENTO

### PARA O NOVO QUARTEL DOS BOMBEIROS V. DE AMARES

Mais ofertas de cimento e dinheiro foram recebidas para o Novo Quartel dos Bombeiros Voluntários de Amares.

A Direcção, muito reconhecida, vem publicar o nome de tais benfeitores.

A seguir damos os seus nomes e subsídios, destacando o gesto sempático de um amigo de Angola, que consta da seguinte relação:

D. Nuno de C. Daun e Lorena (Pombal)	100\$00
Adão Arantes Russell	50\$00
Esmeraldo Augusto Ribeiro Barreiros-Luanda	4 sacos
José Soares da Costa—Lago	100\$00
José Augusto Ferreira—Prozelo	100\$00
Carlos Augusto Martins—Feira Nova	2 sacos
Manuel Joaquim de Almeida—Feira Nova	1 »
João Fernandes Alves—Ponte do Porto	1 »
Abel de Sepúlveda da Silva Dias—Prozelo	1 »
Arnaldo Alves Victoriano—Porto	1 »
Alvaro Gomes da Costa—Carrazedo	1 »
António Pereira Lata—Carrazedo	1 »
D. Feli-bela Rebelo S. Malheiro—Rendufe	100\$00
João Alves Teixeira—Lago	50\$00
P. e Joaquim Faria Simões—Rendufe	50\$00
D. Maria Cristina Ferreira Arantes—Rendufe	60\$00
L. Teixeira Vidal—Rendufe	20\$00
D. Etelvina Fernandes de Amaral—Lisboa	40\$00
Domingos Lopes Amorim—Rendufe	1 saco

A Direcção

## BOURO

### Coradouro, Capoeiro & C.<sup>a</sup>

O Largo do Terreiro de Bourou, sala de visitas da nossa tão estimada freguesia, parece estar lançado ao completo abandono e por mais advertências que se façam àqueles que não vêem, ou não querem ver as inconveniências daquilo que, em boa verdade, apresenta aspecto ridículo, parece que ainda maior é o abuso.

São por vezes em grande número os galináceos que de Norte a Sul percorrem o Terreiro, num ambiente equiparado aquele que vulgarmente se usa nas romarias. Valha-nos a verdade: razões têm os bichos para assim fazerem, visto que frequentes vezes, (quase diariamente) o Terreiro se apresenta todo embandeado com mantas de farrapos e outras peças de roupa, oferecendo àqueles bichos um ambiente festivo, por vezes portador dos parasitas saltitantes, que apoquentam rapidamente as pessoas que por ali passam.

Vergonha e falta de brio! Não para nós os habitantes do Terreiro, que embora nos repugne, já estamos habituados e tomamos as devidas precauções, mas notemos que as pessoas que aqui passam e deparam com este ambiente tão desagradável, devem ficar, tenho a certeza, convencidos que o Largo do Terreiro não é afinal uma sala de visitas, mas sim um corral do gado.

Vemos em certas ocasiões, muitas aplicadas pelas Autoridades, que bem mereciam não ser, e outras há, como por exemplo estas, que se facilitam, mas que não merecem tolerância, pois são estas que colocam mal a freguesia e os seus habitantes.

Além disso, o continuado abuso da liberdade aos galináceos, pode até contribuir com regular receita para o Município, pois a multa de 16\$00 por cada bico, somaria algumas centenas em certos dias.

Não é mentira, que ainda num dos últimos dias contamos 23 aves, a vagarear pelo Terreiro, compostas por galinhas, galos e perús.

Chega-se ao cúmulo de não ser possível, às pessoas de bom gosto, embelezar o Terreiro como bem merece. E a verdade está aos olhos daqueles que a queiram confirmar. O nosso bondoso Pároco, que pretendeu embelezar com canteiros de jardim, uma parcela de terreno junto da Igreja, foi forçado a vendá-lo com uma rede, para que o Jardim cresça e se conserve em boas condições. Não é admissível e disso pedimos a opinião das pessoas de bom gosto.

É preciso remediar o mal, com a maior brevidade possível, bastando para isso que as Autoridades frequentem um pouco este lugar, e que não sejam benévolas na aplicação das multas, quer da freguesia dos galináceos, quer da exposição de roupas, que não correponde ao nome com que pretendemos destacar o Largo do Terreiro de Bourou.

Assim o esperamos.

A. Fernandes

## CAIRES

### Mês das Almas

Todas as manhãs, às 5 horas, com a Igreja sempre cheia de fieis, se faz a piedosa e tocante devoção das Almas, a quem o nosso bom povo dedica uma afeição especial e tem sido numerosas as comunhões e demais sufrágios próprios deste abençoado mês.

São comevedores os seguintes que aqui se cantam há mais de 100 anos; cartados pela multidão, quer na Igreja, quer mesmo pelos caminhos e campos.

I

Irmãos que ainda estais no Mundo  
Tende de nós pena e dor.  
Lembrai-Vos do Purgatório  
Pedi por nós ao Senhor.

II

Irmãos que ainda estais no Mundo  
Não vos esqueçais de nós.  
Pedi por nós ao Senhor  
Que nós pediremos por Vós.

III

Não val ouro nem riqueza,  
Nem a vossa formosura,  
Tudo se há-de reduzir  
Numa negra sepultura

Coro

Livrai as Almas, Pastor Eterno,  
Daquele lugar, junta ao Inferno.

As nossas brisas cantoras  
andam a ensaiar uns versos  
modernos que já cantam com  
perfeição, cheias de fé e piedade.

Avante cada vez mais e  
melhor. Parabéns.

C.

## Torre

A título de esclarecimento informa-se que a pedra a que se refereu este semanário no número anterior e em artigo de fundo, foi legitimamente depositada no Museu Arquidiocesano, porquanto, é objecto pertencente à Igreja e assim ficou resguardado contra qualquer extravio, sempre possível.

Contudo, a referida pedra é de reduzido valor arqueológico e sobretudo artístico.

A Comissão Fabriqueira está a par do facto.

C.

## Novos assinantes

Tivemos o prazer de inscrever como novos assinantes os Sns. Arménio António da Silva Carvalho, Lisboa; Manuel de Jesus Ribeiro Esteves, Pisões, Montalegre; Manuel António Pereira de Freitas-Venezuela.

Gostosamente fizemos as suas inscrições, o que agradecemos.

## MEMENTO HOMO...

Dobram sinos à Dor!... Quem foi que se finou  
Na terra, à luz da vida, em expiação mortal?  
Que espírito se expeliu do corpo, e volitou  
À empírea vastidão do espaço sideral?

Dia santo de fieis!... A grei de Portugal,  
Fiel à Tradição que seus avós legou,  
Enfeita, com amor, a campa sepulcral,  
E reza pelos seus, que a Morte libertou!...

Gemem os sinos no ar!.. Um salmo de tristeza  
Embala, com doçura, a pobre Natureza  
A definhar sedente, anunciando Inverno!...

E ao ver este cenário imenso, de emoções,  
Ciciamos, junto à campa, as nossas orações,  
Que se evolvam da terra ao coração Paterno!...

Oliveira de Santa Maria, 1/11/958.

Rodrigues Carrazedo

## GOÃES

### Baptizado

No passado dia 9 de corrente recebeu as águas lustrais o menino Santiago Alves Gonçalves, filho de Agostinho Gonçalves e de Maria Natália Alves.

Foram padrinhos o Sr. José Augusto da Silva e Helena Fernandes Gonçalves.

## ANÚNCIO

### Terrenos à venda em Ferreiros

Estão à venda, que se faz imediatamente, os seguintes prédios: 6/10 do Campo das Ribeirinhas, de lavradio e vido-nho, sito no lugar de Rio Bom, da freguesia de Ferreiros, deste concelho, junto do Rio Cávado.

6/10 da Bouça do Pilo ou do Rio Bom, sita no mesmo lugar e freguesia e que se compõe de terreno inculto.

Os demais informes são dados nesta redacção.

## Vida elegante

### Aniversários

Fazem anos:

Hoje—O Sr. João Maria Fernandes Barbosa.

Segunda-Feira—A Srna. D. Isilda Menezes.

Quinta-Feira—O Sr. António Dias Paredes e o Sr. José Antunes da Silva.

### Visitante

Vindo de Angola, encontra-se na freguesia de Caires o nosso amigo e assinante Sr. Domingos Antunes de Almeida, acompanhado de sua Ex.ma Esposa.

Tribuna Livre deseja-lhes muitas felicidades em companhia de seus pais.

## HUMORISMO

### Conversando

—Por que é que você não casa, doutor?...

Um homem tão rico e tão simpático não devia ficar solteiro!

—Mas eu sou casado... É?... Que pena!

### Dois mendigos

Estavam dois mendigos na estrada: um era cego, outro era mudo.

Nisto passa um capitão e o cego implora:

Snr. Capitão, uma esmola ao pobre cego.

O Capitão voltou-se e replicou:

—Como sabes que sou Capitão?

—Foi o mudo que me disse, respondeu o cego.

### Modernismos

Então o senhor sempre quer casar com a minha filha? Devo avisalo que ela rema, fuma e dirige aviões... E o senhor, que faz?

Eu... sei costurar, cozinhar, fazer croché e arrumar a casa...

ASSINA E  
PROPAGA

A

«TRIBUNA  
LIVRE»

# MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

pròpriamente dito «couto de Rendufe» e esta teve lugar aos 18 dias do mês de março de 1786; igualmente a de *Santa Marinha de Vilar de Chamoim*, que é no conc. de Terras de Bouro, e a ela se procedeu em 1780 por ser do Padroado do dito mosteiro.

Mais nele se contém um *Auto de reconhecimento que fez o Rev.º padre António Dias... vigário de S. Pedro de Barreiros que algum dia se chamava Triavada de Barreiros (Inquirições—Sancto Petro de Triana)*.

É um precioso manuscrito, com suas letras capitulares molduradas de curiosos desenhos que a paciência monástica, aliada à arte, tornaram possíveis através desses maravilhosos códices antigos; mas o que pela sua análise, da simples leitura e descrição, se torna mais notável, é o rigor e solenidade das pragmáticas a que obedeciam tais actos de confinação e divisão dos territórios, a colocação dos marcos, a gravação de letras, cruces e sinais convenccionados, na presença de *homens bons e ajuramentados* sobre os santos Evangelhos, donde por muito tempo os povos ficaram a sentir por tudo isto um profundo, sagrado respeito, a ponto de originar-se um mito de que todo aquele que violasse marcos e desviasse extremas não encontrava descanso após a morte e vagueava-lhe o espírito de «alma penada» por montes e vales à flor do mato, enquanto não confiasse a alguém a razão do seu penar e se corrigisse o dano. Porém, desvaneceu-se depois pouco a pouco a ideia deste «papão» à medida que a malícia começou a invadir as consciências e então tudo se baralhou, arrancando e destruindo marcos e padrões, procurando tirar partido da confusão e o caso é que de tantas marcas e balisas que se colocaram raríssimos vestígios se descobrem, como também levou sumiço a máxima parte dos livros de «tombo».

O povo não sabe como há-de viver. Sujeito então a uma autoridade hereditária, que se exercia em nome e por graça de Deus, deixou-se embriagar pelas emanções subltis das campanhas violentas que se travaram em nome da liberdade, ridicularizou e espezinhou aquela, tal como as rãs da fábula.

Quis escolher quem o governasse sob as fórmulas correntes da democracia; geme, contorce-se de insaciedade e vocífera sempre, tomando mais fôlego, já agora como a hidra de cem cabeças a que o comparou certo filósofo —eterna demanda da humanidade que só o bom senso poderia atalhar.

Foram cuidadosos e esmeraram-se os antepassados em dar e garantir, extremar, segundo as leis da justiça e da rectidão, a cada um o que lhe pertencia de direito; mas surgiu o momento crítico e o que se começou a observar, em pequena escala, de vizinho para vizinho, verificou-se de modo alarmante no mapa das nações, que traz o mundo deveras agitado e confundido.

\* \* \*

O padroeiro de Rendufe é Santo André, Apóstolo.

Da primitiva freguesia (Capela) seria indecisamente a Santíssima Trindade, porquanto de princípio e durante muito tempo foi o Salvador, visto que sucedeu àquela que no quadro paroquial das Inquirições se chamou *De Sancto Salvatore de Gandra de Couto de Rendufe* e ainda depois se encontra, muito mais tarde, sob a mesma invocação, como se conclui pelo documento que se transcreve a seguir.

A matriz era a pequena capela de S. Brás e o D. Abade apresentava nela o pároco, um monge, de nomeação trienal.

A seu tempo os fregueses contrataram então com os frades a anexação do mosteiro, como se vê:

«Em nome de Deus. Amen.....»

(Continua no próximo número)

## Companhia de Seguros «ATLAS»

Effectua seguros em todos os ramos.  
No seu próprio interesse consulte as condições que esta acreditada companhia lhe oferece, por intermédio do seu agente nesta Vila Snr. Manuel Gonçalves da Silva.

Effectue hoje mesmo, os seus seguros.

## Pesca

(Continuação da 5.ª página)

impõe. E' um duplo benefício.

Não nos provoca o mínimo dissabôr o registo dum «prego» na nossa agenda — que significa o facto de nada haver pescado numa saída — e este designativo da gíria dos pescadores nada tem de comum com o que moderadamente se convencionou chamar a um bife, mas o que verdadeiramente lamentamos é o facto de verificar a falta de trutas em águas em que não há muitos anos eram abundantes. Isso choca-nos profundamente e a tristeza apodera-se de nós já que podemos fazer o confronto, entre as sete vacas gordas e as sete vacas magras, do que sucedeu *in illo tempore*, no Egito.

Prometemos continuar, o que a nossa «carolice» nos impõe, sem pretensões de competência literária, e das imperfeições pedimos desculpa aos possíveis leitores.

Joteme

## ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE BRAGA

### À «MASSA DESPORTIVA»

O valor da denominada «massa desportiva» não é representado apenas pelo seu contributo na existência do Club. Ela tem projecções muito mais amplas. Por ela se afere o valor social duma localidade e dela depende, em grande parte, o movimento turístico duma região. Constituído sem dúvida alguma o elemento predominante da vida clubista, a sua influência ultrapassa os limites por si própria imaginados. Razões de natureza vária concorrem para esse agregado que é formado, com o objectivo imediato do desporto, por pessoas de diversas categorias sociais. O amor ao Club confunde-se com a dedicação à terra natal. O seu comportamento é índice seguro do grau de civilização, dos valores morais e psicológicos duma cidade ou vila. A actuação do atleta ressentente-se, também, da forma de proceder desse conjunto populacional: por vezes o incita, em outras ocasiões o deprime. A sua influência reflecte-se ainda no trabalho da equipa de arbitragem. Graves responsabilidades sobre ela pendem, motivo por que se apela no sentido de se chamar a atenção para o seu procedimento dentro e fora dos recintos do desporto.

Recebam-se os visitantes com galhardia, acolham-se com delicadeza, tratem-se com urbanidade, cessem os gritos ululantes, ponha-se termo à linguagem deoravada e degradante. Haja educação, proceda-se de harmonia com as normas da cortesia, e desta forma concorrer-se-á para o bom nome e prestígio da terra que servimos e amamos. Só assim, a «massa desportiva» será um factor de progresso nos domínios do desporto e do turismo.

Braga e Secretaria da Associação de Futebol, 22 de Outubro de 1958.

ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE BRAGA

## "A Loucura do Amor"

I

Em noite escura fui eu passear  
Pensando em meu amor que Deus levou  
E entre as trevas pus-me a meditar  
No amor dela que se m'apartou.

II

Além, ao longe, vino cemitério  
Resplandecente luz que s' extinguiu  
Depois de m'apontar o assento etéreo  
P'ra onde a minha amada se sumiu.

III

Caminhei p'ro fúnebre lugar  
Pensando, mais, naquela luz ardente.  
Esforcei-me, por ela, a Deus rezar,  
Mas não se m'afastava a luz da mente.

IV

Por fim, chegara ao portal enorme  
Que guardava os seus restos mortais.  
Lá dentro tudo era uniforme,  
Excepto a campa dela, e nada mais.

V

Com esforço, o portão logo saltei,  
Fitei um pássaro que lá dentro estava,  
Que fugiu quando eu m'aproximei,  
Depois o cemitério revoava.

VI

Pousou-se-me três vezes na cabeça,  
Quando em vão eu queria abatê-lo.  
—Se de mim quer alguma coisa, pessa,  
Que eu depressa tentarei fazê-lo.

VII

—Ó grande escuro pássaro, quem és?  
—Sou hoje o nocturno sentinela,  
P'ra não deixar ninguém pôr aqui pés  
Excepto o namorado da donzela.

VIII

Que a mim, me disse p'ro deixar entrar,  
A caso não viesse acompanhado,  
Só com ele queria conversar.  
—Vai chamá-la, sou eu seu namorado.

IX

— Há que tempo morreu a tua amada?  
— Três dias fá-los hoje que morreu.  
(Duma campa com pedra afastada,  
Vulto branco p'ra mim logo correu).

X

— Oh! Quem te trouxe aqui a estas horas,  
Em que a Lua e estrelas s' esconderam?  
— Os remorsos trouxeram-me onde moras,  
E'os sinais que há pouco m'apareceram.

XI

— Meu espírito eram tais sinais  
Que a esta hora vem-me visitar;  
E diz-me a mim, seus restos mortais,  
Que teu amor na terra há-de findar.

XII

O meu amor por ti foi o bastante  
Capaz de me levar a este ponto.  
— Que dizes?! A ideia tenho irrrante.  
Ó, não, não digas mais que já estou tonto

XIII

O grande amor por mim que te matou,  
Levou-me aos mesmos pontos como a ti;  
A força que de mim te separou,  
Depressa m'enrodilhe já aqui.

XIV

(Ao cair pelo tiro da pistola,  
Papel fora do bolso eu lancei;  
Depois de bem rolar como uma bola,  
Em sepultura dela só parei).

XV

«Que na pedra cortassem versos tais?»  
(Era ao mundo, meus últimos pedidos)  
«Se na terra s'explissem alguns ais,  
Na fria terra ouviam-se gemidos».

XVI

«Aqui se escondem dois apaixonados,  
Que para obedecer às leis da sorte,  
E querendo viver sós, isolados,  
Aos dois só pôde unir a boa morte».

J. S. D.

# TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

Delegado: ANTONINO NOGUEIRA MARTINS

## De Carvalheira

### De regresso a Lisboa

Regressou a Lisboa, onde tem a sua habitual residência, a Sra. D. Ana Pires Teixeira, que, desde há meses se encontrava, em gozo de férias, na sua terra natal de Carvalheira. A distinta senhora D. Ana, muito querida nesta freguesia, desejamos a continuação de boa saúde.

### Para Lisboa

Regressou igualmente a Lisboa, no passado dia 31, a Sra. D. Maria Custódia Martins Capela e marido Manuel José de Cavalho, sócio gerente de renome, da categorizada firma «Bernard-Lisboa».

Sobrinha do ilustre Pe. Martins Capela, aqui vem veranejar à sua terra natal, como seu marido, todos os anos. Sempre que aqui chegam não se cansam de abrir generosamente as suas bolsas, a bem dos desprotegidos de fortuna, assim como são os primeiros a acarinhar toda a ideia que seja de utilidade para a sua terra, não regateando o seu incondicional concurso sempre que esteja ligado a progresso do seu torrão natal.

Os nossos votos de saúde e muitas prosperidades que daqui lhe enviamos.

### Dia de finados

Foi com grande concorrência de fieis que se celebrou o dia dos mortos nesta freguesia de Carvalheira, encontrando-se repleta a Igreja paroquial durante as três missas de «requiem» ali celebradas.

Com a procissão ao cemitério, que se encontrava piedosamente adornado, e os respectivos responsos, concluiu-se o sufrágio dos mortos.

As flores brancas das camélias lembravam-nos o aroma

de orações que os fieis piedosamente deixavam sair de seus lábios pelos seus entes queridos.

Esta devoção dos mortos prolonga-se durante todo o mês, com numerosa assistência de povo que vem pedir, para os seus, o alívio nossofrimentos do Além.

### Colheita do milho

Está praticamente concluída a colheita do milho, que infelizmente é pouca e de má qualidade como já aconteceu idênticamente com o vinho.

Aqueles que vivem da terra encontram-se a braços com graves dificuldades e consequentemente urge que apareçam trabalhos que facilitem vencer esta crise do povo.

Acreditamos que eles surgirão, mormente por iniciativa do dinâmico presidente do município a quem não passam despercebidos os problemas locais, mas também se apela para os serviços florestais, que em muitos anos, concorrem para o sustento do nosso povo bom e trabalhador.

C.

### Agradecimento

Tivemos o prazer de receber, de visita à nossa Redacção o Ex.<sup>mo</sup> Senhor João Maria Esteves, devotado amigo do nosso Semanário, que nos trouxe uma apreciável lista de assinantes que lhe havia pedido o seu velho amigo, Snr. Professor Domingos M. da Silva, na visita que lhe fez em Terras de Bouro. A um e outro os nossos sinceros agradecimentos.

### Visado pela Censura

## Secção Desportiva PESCA

I

Ao grande desenvolvimento da pesca desportiva no nosso país, que é incontável, não têm correspondido as condições de protecção às espécies, cuja legislação, além de antiquada, nem é respeitada por iniciativa dos próprios interessados, e o contrário seria um índice seguro de civilização, nem por uma fiscalização capaz que ponha termo aos desmandos, alguns verdadeiramente criminosos, que frequentemente se praticam, porque os indesejáveis aumentam, capacitados da sua impunidade.

No período já longo em que praticamos esta modalidade percorrendo rios e ribeiros da nossa região, nunca, nas nossas digressões, encontramos qualquer entidade a quem incumbe a fiscalização da pesca. O mesmo sucederá com os indesejáveis, que podem «trabalhar» à vontade.

Damos sempre por bem aproveitado o tempo que à pesca dedicamos, pelo que representa de exercício físico e distracção espiritual, que nos torna alheios às preocupações que a vida actual cada vez mais nos

(Continua na 4.ª página)

## A «Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos, desde os mais simples aos mais luxuosos.

## MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

### APOLOGIA DA MONTANHA

A sua presença obriga a estacionar aqui, ao menos por momentos, na arrebatadora contemplação de uma das mais caprichosas formas e belezas da Terra.

O perfil gigantesco e bizarro da serra geresiana, sem parilha no sistema orográfico das montanhas peninsulares, deixa impressão indelével na alma do visitante.

Diante da extraordinária grandeza e imponência de montes sobre montes, que se vão escalonando em sucessivas gradações e tonalidades a alturas inacessíveis, a terminar em acastelamentos, naturais (os castelos de Covide) erguidos sobre plataformas rochosas e coroados de escarpadas penedias que só as aves do céu habitam em paz com as feras que rastejam pelas galerias e cavernas socavadas e alcatifadas da verdura e vegetação silvestres, o homem sente-se como que desprendido da vida terrena e reconhece melhor a sua pequenez perante a obra magnificente e a sabedoria infinita que o Supremo Arquitecto do Universo pôs na harmonia e combinação dos grandes relevos dos continentes comparados com a insondável profundidade e a vastidão dos oceanos.

Têm os poetas celebrado as árvores, os rios, as fontes; mas, as montanhas, a poesia mal pode com elas em seu carácter melífluo e brande.

Elas falam desde todos os tempos uma linguagem pesada e sóbria à humanidade, se bem que o reino da espiritualidade paira aí em motivos de exaltação, no mais recôndito dos desertos e das florestas, pelas altitudes famosas, à luz fulgurante dos tempos da peregrinação eremítica, do



Castelo de Covide  
Ao centro a Calcedónia

misticismo dos ascetas, dos penitentes, dos desiludidos do mundo que aí buscaram outra felicidade que não era o da terra e marcaram com a sua posição lugares celebres que a tradição para sempre consagrou à veneração das gentes.

Que admira, se o próprio Deus, Salvador do do género humano, ao preparar-se para a consumação do Sacrifício, também se retirou a confortar-se na solidão do Oliveti, pa-deceu no cimo do Gólgota e despediu-se no Tabor?

Povoados antes pelo sistema de vida e defesa das populações primitivas que assinalaram o melhor que puderam essas estâncias eminentes da sua passagem nos toscos monumentos druídicos, veio depois a purificá-los a torrente caudalosa do Cristianismo com os símbolos inconfundíveis da Redenção.

As montanhas nunca deixarão de desempenhar papel preponderante na história universal dos povos; além do carácter que imprimem no modo de ser de seus habitantes elas promoveram as suas odisseias, as suas emigrações, como a sua permanência e fixação, as suas lutas e a sua forzeza.

Foram o refúgio dos profetas e dos patriarcas, dos povos oprimidos por outros povos; no cimo delas, do fogo que devorava sobre as aras dos antigos sacrifícios as vítimas imoladas, o fumo elevava-se ao Céu—*Montanha sagrada, Monte santo*: no alto do monte recebeu Moisés as táboas da Lei ditada ao «povo eleito» ao fim de quarenta anos que andou a retemperar-se na disciplina do deserto; e, sempre que o Céu quis estabelecer contacto com a Terra, já sem falar do antigo mundo pagão, através das olímpicas mansões de Roma e da velha Grécia, é aí nesses pontos virginais da Terra, que o homem ainda não rasgou ou profanou em sua constante e louca exploração, que esse mesmo Céu se abre, falando a inocentes, em meio de inesperadas e prodigiosas embaixadas que jamais o mundo ateu poderá contestar—Lourdes nos Pirineus; Fátima na serra de Aire.

(Continua no próximo número)

## EMPRESA HOTELEIRA DO GERÊS, L.DA

### HORÁRIO DA CARREIRA BRAGA - GERÊS

A		B		C		D		E		LOCALIDADES	
Cheg.	Part.	Cheg.	Part.								
—	7,55	—	10,40	—	15,55	—	—	—	—	9,05	13,20
8,00	8,05	10,45	10,55	16,00	16,05	9,00	9,00	13,15	13,15	16,35	16,35
8,11	8,11	11,01	11,01	16,11	16,11	8,54	8,54	13,09	13,09	16,29	16,29
8,19	8,19	11,09	11,09	16,19	16,19	8,46	8,46	13,01	13,01	16,21	16,21
8,27	8,27	11,17	11,17	16,27	16,27	8,38	8,38	12,53	13,53	16,13	16,13
8,37	8,37	11,27	11,27	16,37	16,47	8,18	8,28	12,43	12,43	16,03	17,33
8,51	8,51	11,41	11,41	17,01	17,01	8,04	8,04	12,29	12,29	15,49	15,49
9,02	9,02	11,52	11,52	17,12	17,12	7,53	7,53	12,18	12,18	15,38	15,38
9,32	9,32	12,22	12,22	17,42	17,42	7,23	7,23	11,48	12,48	15,08	15,08
9,36	9,36	12,26	12,26	17,46	17,46	7,19	7,19	11,44	11,44	15,04	15,04
9,50	—	12,40	—	18,00	—	—	7,05	—	11,30	—	14,04

### Observações:

Effectuam-se:

- a—Excepto aos Domingos.
- b—De 1 de Junho a 30 de Setembro.
- c—De » » » » » —excepto aos Domingos—
- d—Excepto aos Sábados e Domingos.
- e—De 1 de Outubro a 31 de Maio—nos Sábados
- f—De 1 de Junho a 30 de Setembro— » e Domingos.—

A única alteração deste horário consiste na carreira que parte do Gerês às 16,20 em vez de 16,30 para melhor ligação com os comboios de Braga.

**ESTE HORÁRIO ANULA TODOS OS ANTERIORMENTE APROVADOS**

Entra em vigor em 15 de Novembro de 1958.

# TRIBUNA DE VILA VERDE

Delegado: JOÃO VILELA

## «PANORAMA SOCIAL»

No princípio desta polémica, que nunca deveria ter existido, por estéril, principalmente encetada por um senhor que ao princípio me informaram ser de fora do concelho, mas que outros diziam ser um pradenense que a tal se arrogou, e a este é que caberia o desforço — dizia o articulista em questão, que o Jornal «O Vilaverdense» fora criado para formar e informar.

De facto, temos presente uma circular publicada pelo Ex.mo Clero do Arciprestado de Vila Verde, que entre outras resoluções sugeridas nas suas reuniões, diz o seguinte: «Para facilitar o serviço e tornar mais interessante o periódico, talvez quinzenário nos primeiros tempos, resolveu-se mais que a Redacção além da principal, ficasse devida em quatro zonas a cargo de Redactores especiais de cada uma delas, que procurarão coligir as notícias mais interessantes dessas regiões e enviá-las resumidas à Redacção principal ou Direcção para estas as seleccionarem e publicarem, tudo em termos comedidos, sem «linguagem despejada nem provocadora», como convém a pessoas educadas, etc, etc.

E a terminar: — Confiados no auxílio sobrenatural antes de tudo, e no espírito baírrista de todos os bons Vilaverdenses, diremos:

Para a frente e ânimo confiante!

Santuário de Nossa Senhora do Alívio, Nov. 1955, a) Cónego Domingos Peixoto da Costa e Silva (Juiz da Irm.) P.e António Maria Vilela de Sousa. (Redactor.)

Como era de prever, a circular foi muito bem recebida por todos os Vilaverdenses, e nós, fomos dos primeiros assinantes, porque tomamos a sério a orientação dada ao jornal pela circular que nos enviaram e, muito principalmente, por ela ser assinada por Sua Ex.a o senhor Cónego Peixoto e pelo senhor P.e António Vilela, pessoas que muito estimamos e temos na máxima consideração.

Afinal, estamos desiludidos, porque não há comedidade na linguagem do Vilaverdense e fugiu das linhas gerais traçadas na sua circular, pelo que nos leva a crêr que, as pessoas que subscreveram a circular, se encontram afastadas da sua direcção.

Já não é a primeira vez que o Vilaverdense despeja palavras provocadores e pessoas de alta categoria são atacadas no seu brio profissional, o que nos leva a supôr que, o referido jornal, mudou o quadrante do bom senso.

Por esta razão, não tencionávamos responder mais ao articulista do Vilaverdense sobre «Panorama Social», mesmo porque não temos propensões a tirar o curso de «lavadeira de

roupa suja» mas como o senhor articulista pode julgar que aceitamos de ânimo leve as suas investidas, não queremos deixar passar em branco algumas afirmações que faz — embora de conta alheia — para que de uma vez para sempre fique sabendo quem eu sou.

Quando lhe chamei intruso, ainda não tinha bem a certeza que o meu ilustre amigo era a pessoa que me tinham dito, e fi-lo convencido de que, depois disso, me tivessem dito o seu nome e quem era. Afinal, continuou a meter-se no assunto sob o anonimato, não tendo a coragem de assinar os seus escritos. Portanto os leitores do «Vilaverdense» continuam enganados, porque o senhor articulista é do jornal que traía as intenções da circular que precedeu a sua publicação.

O articulista do agora «Vila Pradense» esvaziou o saco e despediu-se à francesa julgando cantar vitória.

Mas venha cá, ó cavalheiro! Isso não vai assim. Agora que descobriu a minha profissão e me deu a honra de ser meu freguês, vamos tratar do caso a sério, porque, atrás da sua, virão muitas outras encomendas.

Realmente, na casa que habito, exerceu-se, em tempo, a modalidade *tamanqueira* adaptada às formas dos seus pés; porém, como não são todos iguais, precisamos de muita circunspecção para que o indivíduo não fique a mancar.

Os seus pés saíram um tanto quadrados como, aliás toda a sua estatura material e moral.

Mas tudo se arranja; é questão de mais um pouco de carvão e de limadelas apropriadas e os cravos muito aguçadinhos, para não fugirem para dentro.

Não deve espalhar o seu defeito no interesse pessoal de sinónimo relativo à minha pessoa, porque não faz diferença e até me aumentará a freguesia.

O facto de eu ter sido aprendiz de *tamanqueiro* não impedirá que me faça jornalista amador, nas horas vagas, por que muito antes do cavalheiro lidar com a letra de forma (e cá temos nós outra vez a formal) já eu trabalhei no Correio do Minho, como revisor, na extinta «Folha de Vila Verde» e, por sinal que, bem a meu pesar, tive de lhe assistir ao funeral inglório.

Mas, como são contos largos, passemos adiante e falemos do assunto que nos prende.

Invoquemos, antes de mais nada, os *manes* de Mariano de Carvalho, Emídio Navarro, José Alpoim, João Moreira de Almeida, José Fernandes de Sousa, Mannel Fernandes da Fonseca e tanto outros, que deixaram nome na história e

peçamos-lhes vénia para exercer a profissão que eles tanto sublimaram.

A respeito de gramática, temos falado, ó cavalheiro, por que me parece não conhecer o aforismo: «Disse o tacho á certã: sai para lá que me enfarruscas.»

A gramática, por onde aprendi, era reduzida, mas suficiente para me guiar sobre a maneira de exprimir o pensamento, que é o essencial.

Usava-se já a de Bento José de Oliveira e do Dr. António Garcia de Vasconcelos, a maneirinha de José António da Cruz, muito vulgarizada por ele ser professor da Escola Normal e, tantas outras, que nos serviram nos cursos militares.

O meu professor, que educou muitas gerações, chamava-se Manuel António da Cunha, era austero e com ele aprendia-se a valer. Foi assim que, da sua escola, saíram alguns valores, que brilharam, mesmo no jornalismo.

O facto de me escaparem algumas vírgulas — que também pode ser erro da composição — é efeito da ginástica da canela que, por vezes, salta e me deixa perplexo; mas descobri o motivo: é que elas vão enclavilhar-se no próprio nariz do meu antagonista que, de tantas apanhar, ficou a ter a configuração delas e me faz lembrar o discoda «Cana Verde que diz tê-la pintado como quis, mesmo na cana do teu nariz.»

A minha gramática dá para isto.

A gramática do Cavalheiro dá-lhe para tomar atitudes estranhas de sábio da Grécia.

Isto de «presunção e água-benta, cada um toma a que quer».

Ao cavalheiro deram demasiada corda e, por isso, toma esse enfatuamento que se apresenta sob diversas modalidades, julgando ter dito muito quando, afinal, nada nos disse.

Aos poltrões da sede do concelho que deram as tais informações a meu respeito, diga-lhes que me não ofenderam em me chamar *tamanqueiro*, porque isso só me certifica perante a sociedade, de que não fui vadio durante a minha adolescência.

Diga-lhes que todos nós temos um princípio: uns aprendem artes; outros carregam estrume e apascentam gado; e outros fazem soar as estopinhas dos pais com vaidade de os fazerem homens, para depois andarem pregando moralidades balófas e a desdenharem do seu semelhante, lá porque não tiveram meios de singrar na vida, não se lembrando que vale mais, e muito mais, aquele que se faz por si mesmo, do que aquele que tiver a felicidade de

## Tribuna Desportiva

### Assim vai o Nacional da 1.ª Divisão

Disputou-se no pretérito domingo, a 9.ª Jornada do Nacional da 1.ª Divisão, que tinha como nota de relevante interesse a pugna entre os dois clubes da cabeça da Tabela, ou seja entre o Futebol Club do Porto e Benfica.

E de facto o interesse pelo jogo manifestou-se em cheio, pois o Estádio das Antas mais uma vez registou uma grande enchente, sendo no entanto de lamentar a forma tão pouco desportiva como o encontro decorreu. Principalmente pela parte dos encarnados, que depois da expulsão de Mendes, aliás expulsão bem merecida, se mostraram tão pouco desportistas O F. C. do Porto que durante toda a segunda parte metralhou a barreira defensiva dos encarnados, que se defendiam com unhas e dentes, caso tivesse alcançado a vitória em vez de o empate a zero bolas, esta não lhes era desmerecida.

Um encontro que também se enchia de certo interesse e expectativa, era o encontro entre Belenenses e Bracarenenses, pois sendo duas equipas que costumam fazer bom futebol, se antevia um bom desafio. No entanto as equipas não foram muito felizes pelos esquemas que apresentaram, e o encontro chegou até a criar certa monotonia no meio da numerosa assistência. Enquanto as equipas se encontravam empataadas a zero bolas, resultado com que chegaram ao intervalo, o equilíbrio manteve-se, mas logo que os Belenenses marcaram os seus dois golos, no curto espaço de 5 minutos, os Bracarenenses desceram consideravelmente, e o jogo cedo deixou de ter aquele interesse com que era aguardado. Apesar de tudo venceu a melhor equipa.

Os Vimaraneses foram à C. U. F. obter dois preciosos pontos, contribuindo assim para a primeira derrota dos Cufistas no seu ambiente. Os vimaranenses ao vencerem por dois a um, mos-

tram bem a superioridade que impuzeram no jogo.

Os Evorenses ao vencerem os Estudantes por cinco bolas a uma, mais uma vez puderam mostrar a grande recuperação que vão fazendo. Os estudantes não mereciam tão forte goleada.

Os Campeões Nacionais mais uma vez foram pouco felizes, na actuação que tiveram, mas mais uma vez conseguiram sair victoriosos em frente ao G. D. das Caldas que, quando em ambiente estranho e frente aos clubes grandes, costumam ser felizes na tática defensiva que impõem. O resultado de três a zero, está mais ou menos certo.

O Barreirense ao vencer o Torriense em casa, que é proeza difícil de obter por qualquer equipa, mais uma vez sublinhou as boas referências que a seu respeito se têm feito. O resultado de 2 a 1 a favor destes mostra bem o empenho com que os Torrienses jogam no seu ambiente.

O Covilhã embora tivesse saído derrotado do jogo frente ao Vitória de Stúbal, não foi presa tão fácil, como se antevia. A marca de 2 e zero está certa.

#### Classificação

Benfica . . . . .	15
Sporting . . . . .	13
Porto . . . . .	12
Guimarães . . . . .	12
Setúbal . . . . .	12
Belenenses . . . . .	12
Braga . . . . .	9
Cuf . . . . .	9
Lusitano . . . . .	8
Barreirense . . . . .	7
Caldas . . . . .	5
Torriense . . . . .	5
Académica . . . . .	4
Covilhã . . . . .	3

J. M. Fernandes

### UM SOLDADO DE MOUSINHO

Aqui a dois paços, no lugar de Rio Longo, nas proximidades do Ermal, vive ainda uma reliquia de Soldado de Mousinho, é o Senhor Serafim Leite Machado que, embora tocado pelas inclemências dos anos, de vez enquanto o vimos em Vieira do Minho. — Desta última vez que o vimos, vinha à procura do médico com o pretexto de aliviar os seus sofrimentos que, segundo ele, padece dos rins e urinas! Não admira pobre Serafim, já com os seus próximos 90 anos!

A nossa curiosidade, leva-nos a fazer-lhe algumas perguntas e até para estímulo. — Que recordações tem de Africa amigo Serafim? A sua resposta foi esta. Sinto-me enfadado e doente e a memória falta-me também. Todavia, sei que assentei praça no 18 do Porto. Segui na primeira expedição para Africa e tomei parte na prisão do Gungunhana. No dia em que este foi preso e que havia sido

denunciado por um preto, andamos cerca de 6 horas por caminhos montanhosos.

Conhece ou recorda-se de algum nome de oficial de seu regimento? Só me recordo do capitão Mousinho. — Que tal era a alimentação em Africa? Era boa, e também não tive qualquer doença, embora muitos dos meus camaradas ficassem ali. Voltei a Portugal e estive ainda algum tempo no regimento de cavalaria, e já lá vão cerca de 55 anos!

Tem alguma pensão ou distinções? Não. Vivo de algumas economias que pude amealhar em novo.

Vivo na companhia de minha filha mais velha Maria da Ascensão Rebelo. Que idade tem Senhor Serafim? Vou fazer em Dezembro 90 anos!

Não quisemos maçar mais este nonagenário, apesar de o interrogar com delicadeza, por se tratar de um venerando soldado, já por receio de o não continuar a ver amiudadas vezes por aqui.

São dignos da maior estima, onde quer que se encontrem, estes sobreviventes soldado de Mousinho! — I. D.

ter um pai rico, ou muitas vezes quem sabel-viver de expedientes só para fazer figura na sociedade.

Fiquemos por aqui.

D.